

Porta-voz de Putin vem a Brasília defender guerra contra a Ucrânia

O porta-voz da guerra

O chanceler da Rússia, Sergey Lavrov, chega hoje ao Brasil para falar da ampliação da atuação geopolítica do Brics e tratar da invasão à Ucrânia. Ontem, na Ásia, Lula disse que EUA e Europa contribuem para "continuidade" do conflito

» HENRIQUE LESSA
» VINICIUS DORIA

Chega hoje a Brasília o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, para uma reunião com o chanceler brasileiro, Mauro Vieira, no Itamaraty. O mais importante porta-voz do governo russo e homem de confiança do presidente Vladimir Putin, Lavrov tem como missão não só negociar temas de interesse da Rússia, mas, principalmente, defender a narrativa de Putin em relação à invasão à Ucrânia, em fevereiro de 2022. A agenda oficial do encontro entre os dois chanceleres prevê uma rodada de avaliação da guerra na Ucrânia, além de assuntos de interesse bilateral, como comércio, investimentos, ciência e tecnologia, defesa, cultura e educação.

Fora da pauta divulgada pelo Itamaraty, o Correio apurou que os dois países estão buscando uma alternativa diplomática para viabilizar a presença do líder russo no encontro de cúpula de chefes de Estado do Brics — acrônimo de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul que batiza o grupo dos chamados emergentes —, previsto para ocorrer em agosto, em Johannesburg, na África do Sul. Putin tem contra ele uma ordem de prisão expedida pelo Tribunal Penal Internacional por crimes de guerra. O governo russo, que já conta com o apoio limitado da China, aposta na interlocução com os demais sócios do agrupamento nas tratativas internacionais para a solução da guerra em solo europeu.

Do lado brasileiro o foco na Rússia está também em firmar acordos de transferência de tecnologia bélica e da área de energia nuclear. O agronegócio brasileiro também depende fortemente da importação de fertilizantes da Rússia. Dentro da estratégia de manter uma posição de neutralidade, sem provocar o parceiro russo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vetou, em janeiro, a transferência para a Alemanha de munição para blindados que poderiam ser reaproveitados para as forças ucranianas no conflito.

Nas recentes viagens à China, Lula e o líder chinês, Xi Jinping, reforçaram o entendimento de que os dois países não fornecerão armas a nenhum dos dois lados em guerra, e defenderam uma solução negociada para o conflito. Enquanto isso, a Rússia busca se aproximar dos seus parceiros do Brics, tentando sair das cordas que o isolamento internacional promovido pelos aliados ocidentais da Ucrânia tem promovido.

Nas declarações dadas durante a viagem à Ásia, o presidente

MAXIM SHEMETOV / POOL / AP



No comando da diplomacia russa desde 2004, Sergey Lavrov é considerado um dos auxiliares mais fiéis ao presidente Vladimir Putin

brasileiro deixou clara a posição do país em apoiar negociações diplomáticas para encerrar o conflito armado, chegando até mesmo a relativizar o fato de a Rússia ter rompido convenções internacionais de não agressão e de não violação da integridade territorial dos países.

"A construção da guerra foi mais fácil do que a saída da guerra, porque a decisão da guerra foi tomada por dois países", disse Lula, em entrevista nos Emirados Árabes Unidos, no sábado, em escala de retorno ao Brasil.

No encontro com o líder dos Emirados Árabes Unidos, xeique Mohamed bin Zayed Al Nahyan, o peita voltou a criticar os Estados Unidos e a União Europeia pelo apoio que dão à Ucrânia, incluindo o fornecimento de armas, munições e acesso a redes de comunicação por satélites e inteligência militar.

"A paz está muito difícil. O presidente Putin não toma iniciativa de paz, o (presidente da Ucrânia, Volodimir) Zelenski não toma iniciativa de paz. A Europa e os Estados Unidos terminam dando a contribuição para a continuidade desta guerra", acusou Lula.

Apesar do tom pessimista, o líder brasileiro pretende se colocar como um dos negociadores do processo de paz entre as duas nações, com o apoio da China. Lula e Xi Jinping decidiram não apoiar

o bloqueio econômico à Rússia, imposto pelos sócios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — um acordo de defesa mútua entre EUA e a maioria dos países da UE. Os dois outros sócios do Brics — Índia e África do Sul — também negaram apoio a sanções econômicas.

Incômodo

"O simples fato de Lavrov ser recebido aqui é uma vitória da Rússia em um motivo de incômodo para os Estados Unidos e para a Europa em momento que isso não é bom para eles nessa rodada do conflito", comentou Hugo Albuquerque, especialista em relações internacionais da Editora Alternativa Literária.

Ele apontou que o encontro também representa um gesto simbólico para a Rússia demonstrar que não está isolada no sul global. "Isso vai trazer uma fervura para o Brasil, que é visto como um fiel da balança, assim como a Índia, e receber o Lavrov tem um peso muito grande para a Rússia, ainda mais em um momento em que a economia dos Estados Unidos e a Europa não vai muito bem", explicou. "Importante lembrar que as forças da Ucrânia dependem do financiamento euno-americano, o que pode ser difícil em uma crise", ponderou o especialista.

Negociador implacável

No comando da diplomacia russa desde 2004, Sergey Lavrov é considerado um dos auxiliares mais fiéis ao presidente Vladimir Putin. Segundo diplomatas, as falas do chanceler são mensagens diretas do próprio presidente Putin. Diplomata nos últimos 50 anos — primeiro da União Soviética, depois da Rússia —, Lavrov é respeitado e poderoso dentro e fora da Rússia. Em seus 10 anos como embaixador da Rússia na Organização das Nações Unidas (ONU), ele foi considerado um habilidoso negociador e, nesse tempo, conquistou a fama de pessoa acessível com jornalistas do mundo inteiro.

Desde a invasão russa à Ucrânia, contudo, Lavrov vem enfrentando reveses. Principal porta-voz da versão russa da guerra, ele teve seus bens no exterior congelados e está submetido a sanções de entrada em países ocidentais.

Testemunhas de Jeová

Em virtude da visita do chanceler russo ao Brasil, muitos têm voltado atenção para a situação interna na Rússia, com casos de perseguição à indivíduos, grupos políticos e religiosos. O porta-voz nacional das Testemunhas de Jeová, Kleber Barreto, afirma que os fiéis estão

» Bolsonaro critica Lula: "Vexame"

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) criticou, por meio das redes sociais, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) por ter cobrado dos Estados Unidos o fim da guerra entre Rússia e Ucrânia. Rebaterendo as críticas de que os EUA "incentivam" a guerra, Bolsonaro disse que a dedicação do seu sucessor seria um "vexame para a política externa". Em fevereiro de 2022, então chefe do Executivo, Bolsonaro viajou à Rússia menos de uma semana antes da invasão do território ucraniano. Lá, ele declarou ser "solidário" ao país liderado por Vladimir Putin. As declarações foram vistas de forma negativa pelos EUA na época.

sofrendo perseguição no país, pois foram proibidos de manifestar sua fé.

"Embora as autoridades russas afirmem que não estão proibindo a liberdade religiosa individual de seus cidadãos, o que temos visto é um aumento nas condenações e também um endurecimento nas sentenças que são impostas", disse o porta-voz das Testemunhas de Jeová.

Análise da notícia

Aproximação com Rússia desgasta Lula

» LUIZ CARLOS AZEDO

Economista, Andrei Gromiko assumiu a chefia da seção dos Negócios Estrangeiros encarregada dos Estados Unidos em 1999. Em 1943, foi nomeado embaixador em Washington e, como tal, foi às famosas conferências dos Aliados em Teerã, Yalta e Potsdam, nas quais se reuniram Franklin D. Roosevelt (EUA), Josef Stalin (URSS) e Winston Churchill (Reino Unido). Em 1946, foi o primeiro representante da URSS no Conselho de Segurança da ONU. Assumiu o cargo de ministro das Relações Exteriores em 1957. Protegido e sucessor do Viatcheslav Molotov, Gromiko foi a esfinge da guerra fria, sob a liderança Nikita Khrushchov, Leonid Brezhnev, Kiri Andropov e Konstantin Chernenko. Hábil, frio e lacônico, ganhou o apelido de Mr. Niet (Sr. Não) no Ocidente. Formado na escola de Gromiko, o chanceler russo Sergey Lavrov chega hoje a Brasília. É homem de confiança do presidente Vladimir Putin e comanda a diplomacia russa desde 2004.

No começo de março, durante a reunião dos chefes de G-20, em Nova Délhi, na Índia, Lavrov teve uma longa conversa bilateral com o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira. Trouxe-se da cooperação entre a Rússia e o Brasil, pauta que vai da Escola de Balé do Teatro Bolshoi, em Florianópolis, ao submarino nuclear da Marinha brasileira, uma parceria com a França.

O agronegócio é o maior interessado na visita. A Rússia saltou de 12º para o 5º principal exportador para o Brasil, atrás da China, dos Estados Unidos, da Alemanha e da Argentina. Fomece 70% dos adubos e fertilizantes que utilizamos em seguida, vem o carvão e os óleos combustíveis de petróleo, com 15% e 71%, respectivamente. As exportações para Rússia cresceram 81% sendo 32% equivalentes à soja, 20% açúcares e melão e café não torrado, com 76%.

A conversa de Lavrov com Lula será política e foi precedida de um encontro do assessor especial da Presidência Celso Amorim com o presidente russo Vladimir Putin, em Moscou. O assunto mais polêmico é a guerra da Ucrânia. Lula quer liderar um clube da paz para negociar o fim do conflito. Na China, sugeriu que a Ucrânia abra mão da Crimeia em troca da desocupação da região de Dombas, proposta rechaçada pelo presidente Volodymyr Zelensky.

A repercussão no Ocidente foi a pior possível. Lula entrou em rota de colisão com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, de quem teve apoio para tomar posse. A aproximação com a Rússia e a China é vista por muitos como uma ameaça à democracia no Brasil. Desgasta o governo e afasta aliados importantes. Passa a impressão de que Lula se aliou à Rússia e à China. Nos bastidores, o Itamaraty trabalha para mitigar essa desconfiada dos EUA.

Dependência de fertilizantes

Do ponto de vista dos interesses do Brasil, a guerra impactou o fornecimento de fertilizantes para o agronegócio brasileiro. Rússia e Ucrânia são entre os maiores fornecedores do mundo. Por isso, o encontro entre Mauro Vieira e Sergey Lavrov é visto com expectativa pelos produtores brasileiros, que enfrentam dificuldades — e preços mais altos — para adquirir fertilizantes. A quantidade fornecida ao Brasil pelos dois países em guerra foi insuficiente, levando o Brasil a buscar alternativas.

O país importa 85% dos fertilizantes de que precisa, principalmente potássio. Até a deflagração do conflito na Ucrânia, a Rússia respondia por 23% dessas importações. O aumento de preços no mercado internacional impacta na produção brasileira e,

consequentemente, no preço dos alimentos no mercado interno, pressionando a inflação.

Outra commodity (produto primário cotado internacionalmente) que o Brasil comprava em grande quantidade dos russos é o trigo. Para suprir a redução das importações da Europa, o país correu, principalmente, à Argentina, que não consegue abastecer toda a demanda brasileira.

No campo das exportações, a Rússia é uma grande compradora de proteína animal, um mercado importante para a agropecuária brasileira. Um acordo internacional para restabelecer o fluxo de comércio com Rússia e Ucrânia é estratégico para o que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chama de "interesses soberanos do Brasil". (HL e VD)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2